

DISTANCIAMENTO E CANCELAMENTO: O QUE “NÓS” TEMOS A VER COM ISSO?

SOCIAL DISTANCING AND CANCEL CULTURE: WHAT'S DO “WE” HAVE TO DO WITH THIS?

¹ Universidade Federal
Fluminense | Instituto de
Educação de Angra dos
Reis | Departamento de
Geografia e Políticas públicas
| Av. dos Trabalhadores, 179,
Verolme, 23914-360, Angra
dos Reis, RJ, Brasil | E-mail:
<antoniobernardes@id.uff.br>

Antonio Bernardes¹
ORCID ID: 0000-0002-4996-7031

RESUMO

O cancelamento e distanciamento são experiências muitas características da contemporaneidade. A primeira está mais relacionada às vivências pelas relações sociais virtuais e a segunda, às restrições sanitárias preconizadas para conter a transmissão do vírus da Covid-19. Quando olhamos mais de perto, percebemos como a experiência de cancelamento se aproxima da indiferença e como o distanciamento social a aprofundou, pois as relações que antes também eram presenciais, passaram a ser, majoritariamente, virtuais. Entendemos que essas experiências estão imbricadas, não somente uma com outra, mas também às relações presenciais e às virtuais, resignificando as nossas experiências a ponto de não ser possível dissociá-las. É nesse sentido que desenvolvemos este manuscrito, considerando a indissociabilidade entre as experiências de distanciamento, cancelamento e indiferença, assim como das relações presenciais e virtuais e como esse fluxo de significações constitui o Nós e o lugares. Para ilustrar essas experiências, utilizaremos como exemplo alguns casos do *reality show Big Brother Brasil 21*.

Palavras-chave

Big Brother Brasil 21. Indiferença. Lugar. Presencial. Virtual.

ABSTRACT

The cancel culture and the social distancing are experiences that are very characteristic of contemporaneity. The first experience is much more connected to the experiences of virtual social relations and the second to the sanitary restrictions recommended to contain the transmission of the Covid-19 virus. When we look more closely, we see how the social cancel may it's near about indifference and how social distancing has deepened, because the relations that were also before presential, now, for the most part, are virtual. We understand that these experiences are so togheter, not only with each other, but also with how they intensely changed between the presential and the virtual, giving new meaning to both forms of relations, it is no longer possible to dissociate them. From this that we developed this text, considering the inseparability between the experiences of social distancing, cancel culture and indifference, as well as for presential and virtual relationships and how this flow of meanings make the We and the

Como citar este artigo
How to cite this article

Bernardes, A. Distanciamento
e cancelamento: o que “nós”
temos a ver com isso?
Pós-Limiar, v. 5, e225539, 2022.
<https://doi.org/10.24220/2595-9557v5e2022a5539>

Recebido em 13/12/2021,
reapresentado em 18/4/2022 e
aprovado em 27/4/2022.

places. Like example about these experiences, we will use the events of reality show *Big Brother Brazil 21*.

Keywords

Big Brother Brasil 21. Indifference. Presential. Virtual.

INTRODUÇÃO

No mês de fevereiro de 2020, nos deparamos com uma pandemia, a da Covid-19. Tratava-se de uma crise sanitária mundial em que houve a propagação de um vírus bastante transmissível. Foi assim que a mundialização e a globalização, que parametrizaram economias e culturas nas últimas décadas, mostraram uma outra face que desconhecíamos.

O distanciamento social – do inglês *social distancing* –, foi uma das medidas adotadas em todo mundo para conter a propagação do novo vírus. Ele nada mais é do que a preconização para que as pessoas evitassem ficar próximas umas das outras, no sentido físico do termo. Em outras palavras, é recomendável que o Meu corpo não esteja próximo ao Seu corpo para evitarmos que haja a transmissão do vírus entre Nós e para os Outros.

Isso fez com que em muitas das atividades que antes da pandemia eram feitas num mesmo lugar e de forma coletiva, com uma pessoa estando próxima à outra, tivessem que ser realizadas de outro jeito. Com isso, as pessoas deixaram de ir aos escritórios, às escolas e de usar ônibus e metrô. De agora em diante, cada um deveria tentar fazer suas atividades de maneira virtual, mediada por um computador, *smartphone*, *tablet* ou outro equipamento que possibilitasse estabelecer relações virtuais. Mudaram as formas de relação entre as pessoas e delas com os lugares ao ponto que, em muitos casos, a casa deixou de ser onde repousamos, para ser também o local de trabalho.

Desse modo, a pandemia ocasionada pela Covid-19 mudou algumas formas de como nos relacionamos com o lugar e com os Outros. Parece que houve um acirramento dos ânimos devido a estarmos muito mais imersos nas relações sociais virtuais e distantes dos Outros e dos lugares. Um exemplo é o cancelamento – do inglês *cancel culture*. Adiantamos que entendemos o cancelamento como o aprofundamento da indiferença (Sartre, 1997), ou seja, a negação da liberdade do Outro como uma maneira de afirmar a Nossa liberdade, sobretudo quando as relações sociais são estabelecidas virtualmente.

Em verdade, entendemos que o cancelamento só é possível porque pelas relações virtuais somos uma espécie de presença-ausência (Bernardes, 2020) para os Outros e estes para Nós. O problema se complexifica quando uma cultura muito característica das relações virtuais é transposta para as já escassas relações sociais presenciais, devido ao distanciamento social. Porém, trata-se também de alguns de seus desdobramentos, os quais pretendemos abordar neste manuscrito utilizando como exemplo o *reality show* *Big Brother Brasil 21* (BBB21), como: a relação entre distância e ausência; a experiência de indiferença, cancelamento e ódio; por fim, a resignificação dos lugares que Nos constituem, em especial, do nosso lar devido ao uso massivo das relações virtuais.

A DISTÂNCIA E A AUSÊNCIA

À primeira vista, parece que a pandemia da Covid-19 pode ter nos colocado certa distância social, mas não uma ausência social. Em verdade, o termo distância social nos parece impreciso, pois o que há é uma distância corporal. Justamente porque estamos usando o termo distância

em seus aspectos extensivos – espaço entre dois corpos ou para o lugar – e a ausência, em seus aspectos qualitativos – como carência ou falta. Mas em que medida a distância não é, também, ausência?

A distância é também ausência quando interpretamos que o corpo não se trata simplesmente de um fenômeno material – *Körper* – e sim, também, de uma presença de Ser, um modo de ser-no-mundo, o corpo como fenômeno existencial – *Leiblichkeit* –, ou melhor, como corporeidade (Heidegger, 2011). O que queremos dizer com isso? Que a corporeidade é o corpo em situação no mundo e isso pressupõe o Eu. O Eu é uma síntese da interioridade – *cogito* –, e do corpo em sua relação com o mundo, como nos indicou Sartre (2015). Como no mundo há os Outros que não sou eu, a “[...] base desse ser-no-mundo é determinado pelo com, o mundo é sempre mundo compartilhado com os outros” (Heidegger, 2011, p.174).

Em distanciamento social, a ausência se perfaz justamente porque o que há é o que denominamos de presença-ausência. Presença, porque só temos certeza da Minha presença, já que a do Outro só posso entrever, pois não sei sua situação, o lugar em que ele está e tampouco como se comunica comigo, seja por um computador, *tablet* ou *smartphone* que possibilite as relações sociais virtuais (Bernardes, 2020). É por só entrever o Outro e Ele a Mim que há a ausência pelas relações mediadas eletronicamente.

O problema é que, quando entrevemos a corporeidade e a situação do Outro, pode haver a resignificação de algumas experiências, como: o amor, o ódio e a indiferença. Elas se tratam, respectivamente, da tentativa de unificação, da negação ou da negligência em relação ao Outro. Especificamente, a indiferença é quando:

[...] relego o Outro à condição de uma função [...]: assim como o bilheteiro é o coletor de ingressos, o internauta que Eu contemplo é o meu objeto de prazer. Ignoro a condição subjetiva e sua liberdade e a sua possibilidade de ser passa despercebida (Bernardes, 2020, p. 205).

Podemos relegar o Outro simplesmente a uma função que ele desempenha ou mesmo a de um objeto. No ódio, acontece de modo similar, nego a interioridade do seu Eu, sua liberdade e suas possibilidades de ser. No amor, vamos no sentido inverso, tentamos a unificação com o Outro. E queremos conhecer as outras facetas do Outro e, a cada vez que conhecemos, amamos, nos apaixonamos mais um pouquinho. Queremos sorver o Outro.

Em todas essas experiências, a corporeidade é um fenômeno subjacente, pois suas manifestações perpassam o Nosso corpo e situação, seja por uma manifestação afetuosa ou violenta. Isso ocorre porque elas possuem como base não só a Nossa interioridade mas também o Nosso corpo, ou seja, o Eu que cada um de nós somos. O sentir, os sentimentos que compõem Nossa interioridade, se manifestam, necessariamente, no nosso corpo. Por exemplo: Eu sinto, no amor, borboletas no estômago, o sorriso fácil quando se está junto do amado, as pulsões sexuais do desejo, os olhos brilhando de encantamento ao observar o Outro fazendo alguma coisa boba, a ânsia de querer ficar junto, o brigar e o reconciliar – a braveza que explode na voz que grita; o aconchego do abraço no momento da reconciliação.

Em resumo, estar é ser com os Outros no lugar. Por isso, o distanciamento é também ausência, porque, quando não estamos em determinados lugares com os Outros, carecemos das relações que nos constituem. Mas isso pode ter se resignificado um pouco, ainda mais no último ano, em que as relações sociais virtuais passaram a ser mais intensas, sem sermos em presença para os Outros.

A CULTURA DO CANCELAMENTO

Para algumas pessoas, o distanciamento social se traduziu em problemas de saúde, sobretudo psicológicos, assim como financeiros e sociais. Sentir-se enfadado em meio ao distanciamento social não é uma novidade. Tanto que é recorrente encontrarmos, nos *feeds* e perfis em redes sociais virtuais, as pessoas reclamando de faltas e carências em suas diferentes formas.

Foi em um desses momentos enfadonhos, ao zapear os *feeds* em uma rede social virtual, que constatamos o *frisson* acerca das posturas de alguns participantes do *reality show* BBB21. Falavam em formas de racismo, homofobia, *bullying*, intolerâncias e cancelamentos. Ora, de pronto, nos pareceu serem manifestações de ódio e indiferença que ocorrem nas redes sociais virtuais. Mas fomos olhar mais de perto para entender o "causo". Lendo matérias e vendo vídeos sobre o ocorrido, percebemos que deveríamos nos esforçar para interpretarmos esses fenômenos, em especial o cancelamento. Mas o que é um cancelamento? E por que o cancelamento? Além do mais, qual a relação que ele tem com o distanciamento social e com a carência?

No ano de 2019, a cultura do cancelamento foi eleita a palavra do ano pelo *Macquarie Dictionary Word of the Year* (Cultura..., 2021), um periódico que todos os anos seleciona as palavras que mais caracterizam os diferentes comportamentos nas redes sociais virtuais e nas plataformas *Web*. Cancelamento é a exclusão deliberada por determinado grupo ou pessoa de um círculo de relações. Ele, normalmente, é realizado como uma forma de punição devido a algum comportamento ou afirmação realizada, seja ela relevante – como manifestações de racismo, homofobia, xenofobia, entre outras formas de intolerância –, ou banal; por exemplo, criticar uma cantora pop muito famosa ou dizer que não gosta de algo muito popular.

Retomando o caso do cancelamento realizado por alguns integrantes do BBB21, o que nos chamou muito a atenção foi o modo como foi adaptado para as relações presenciais mesmo sendo uma experiência característica das redes sociais virtuais. Mas, como adiantamos, o cancelamento se aproxima da indiferença, pois

[...] pratico então uma espécie de solipsismo de fato, os outros são essas formas que passam na rua, esses objetos mágicos capazes de agir à distância e sobre os quais posso agir como se estivesse sozinho no mundo; toco de leve 'pessoas' como toco de leve paredes; evito-as como evito obstáculos... sequer imagino que possam me olhar (Sartre, 1997, p. 474).

A indiferença é uma estratégia que o Eu pode utilizar para protegê-lo da consciência do Outro. Na indiferença, em vez de tentar fugir de minha interioridade, tento fugir da interioridade dos Outros porque, de alguma forma, me sinto ameaçado por ela. Em verdade, a indiferença é também uma atitude de má-fé² na medida em que tento colocar o Outro estritamente como um objeto no mundo por meio de solipsismo (Hegel, 2005) arbitrário e abstrato. Logo, enquanto na indiferença, como pensada por Sartre, o Eu reduz e se afasta do mundo, no cancelamento, o objetivo é que um grupo, impelido por Alguém, reduza e afaste um sujeito específico do mundo.

Desse modo, o cancelamento realizado por alguns integrantes do BBB21 não se tratou de uma experiência completamente nova com o Outro, já que ela se trata de uma radicalização da indiferença, que só é possível devido à adaptação de uma experiência virtual para a presencial.

Por essa linha de raciocínio, o cancelamento ocorre porque somos presença-ausência para os Outros e estes para Nós. O problema maior foi quando ele se manifestou presencialmente, porque veio com todas as experiências

² A má-fé a que nos referimos é diferente de sua concepção prosaica. Ela se trata de uma espécie de auto sabotagem de si mesmo, mas há a consciência de todo processo. Mas o que se ganharia com isso? "Mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável" (Sartre, 1997, p. 94).

ressignificadas, como se estivéssemos distantes e ausentes dos Outros, mas não estávamos. Explicaremos melhor nosso ponto de vista.

Quando não gostamos de uma postagem ou atitude de uma pessoa nas redes sociais virtuais podemos ser indiferentes ou cancelá-la por meio de um clique. Podemos deixar de segui-la em suas redes sociais virtuais e, até mesmo, bloqueá-la. Ao fazer isso, não teremos mais contato com ela e retornamos ao conforto entre os Nossos, deixando de lado aquele Outro que nos incomodava. Porque estamos distantes e ausentes. Mas não podemos afirmar o mesmo para as relações presenciais porque há a corporeidade, o corpo, e o Eu do Outro permanece em situação. Presencialmente, não podemos nos desfazer do Outro por meio de um clique e tampouco negligenciá-lo, pois Ele é e está no mundo, junto conosco.

O que houve no BBB21 foi exatamente a tentativa de cancelamento de um dos participantes. A *canceladora*, por exercer certa liderança de grupo, não gostou de algumas atitudes de outro participante e resolveu cancelá-lo. Houve críticas generalizadas dos expectadores à atitude, principalmente porque o participante cancelado saiu do *reality show*. Mas enquanto lá esteve se percebeu que a sua presença incomodava a *canceladora*, pois presencialmente toda atitude de indiferença e cancelamento tende ao fracasso, pois a corporeidade do Outro sempre indicará o seu Eu (Sartre, 1997). O interessante é que ela se baseou nas experiências das relações virtuais para essa atitude, a ponto de mencionar o cancelamento e tentar engajar os demais participantes do *reality show* a segui-la, como se estivesse numa rede social virtual.

FOLLOW ME...

O cancelamento, como radicalização da indiferença, encontrou nas redes sociais virtuais a sua versão mais desenvolvida. Por meio dela, a corporeidade do Outro é conjectural, assim como a Nossa para o Outro, podemos negligenciar por completa a sua presença, cancelando-a, no sentido lato do termo. Podemos bloquear o perfil para que Ele não possa ver nossas postagens e não se relacionar conosco, assim como podemos ainda expor suas postagens para um grupo de nossos seguidores com o fim de persegui-lo nas redes sociais virtuais. Inclusive essa foi a ameaça que um dos integrantes do BBB21 fez ao outro.

Em outro momento do *reality show*, duas integrantes discutem para que houvesse a eliminação da concorrente do programa televisivo e ambas utilizaram como argumentos as suas respectivas forças nas redes sociais virtuais e como poderiam engajar seus seguidores para perseguir e fazer manifestações de ódio uma contra a outra. Esse caso não se tratou da adaptação das atitudes das redes sociais virtuais para as relações presenciais e sim nos mostrou o imbricamento de ambas experiências tendo como base o ódio.

Como dissemos, o ódio se trata de uma tentativa de cerceamento do Outro com a intenção de aniquilar a sua liberdade pela violência, discriminação e/ou o preconceito, seja em virtude de raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexualidade, religião etc. É o abandono definitivo de qualquer empenho por realizar a união com o Outro. Quando odiamos, afirmamos Nossa liberdade como situação absoluta em face a do Outro.

É nesse ponto que pode ficar notória a diferença entre experiência de indiferença e de ódio. Na indiferença, há o negligenciamento e a negação do Outro, de sua liberdade e interioridade, como uma tentativa de retirá-lo do nosso convívio. No ódio, há a tentativa de aniquilação da liberdade do Outro, porque ela é um impeditivo aos nossos projetos.

No caso das participantes do *reality show*, a experiência de ódio se manifestou pela violência moral de uma com a outra, mas não por motivos étnicos, raciais ou de gênero e sim, simplesmente, porque a Outra é a outra. A alteridade e, por consequência, a liberdade inerente de cada uma delas é o maior obstáculo para o exercício da liberdade da outra. Em outras palavras, cada uma delas se apresentava como um limite para a outra de alcançar os seus objetivos, permanecer no *reality show*. Distto, se partiu para uma ameaça em que o meio para concretizar a experiência de ódio é a perseguição e violência do Outro nas redes sociais virtuais.

A atitude de ódio nas relações sociais virtuais possui o nome de *hate* e quem as realiza são os *haters*. A tradução literal para o português seria ódio e odiadores. Até aqui nada mudou, mas o que mudou foi a essência dessa experiência quando ela ocorre pelas relações virtuais. Como estamos e somos distantes e ausentes, a virtualidade da relação protege a Nossa corporeidade e ressignificamos os sentimentos de medo e perigo. O Outro em todo seu ódio não Nos alcança. Essa é a essência dos discursos de ódio que se propagam pela Internet e, cada vez mais, ocorrem no presencial (Bernardes, 2020).

Uma outra diferença é a intensidade em que há a experiência de ódio pelas relações virtuais. Nas relações presenciais, normalmente, ela fica restrita entre algumas pessoas que se odeiam. Já pelas relações virtuais se amplia a quantidade de pessoas que podem se voltar contra uma outra ou um grupo em específico. A violência moral possui possibilidades infinitas, e em uma intensidade absurda, pois o meio de sua realização extrapola o lugar e a sua velocidade é incondicionada. Ou seja, a mesma rede de Internet que potencializa as relações humanas devido a sua velocidade e reticularidade pode ser usada para intensificar certas experiências violentas ao limite de haver o autocancelamento do agredido, a transposição da violência para as relações presenciais ou mesmo o suicídio.

Desse modo, o que vimos no *reality show* não se trata somente de uma ameaça como uma forma de experiência de ódio, mas também de uma experiência que se potencializa nas redes sociais virtuais e possui desdobramentos em forma reticular e em presença, só que sendo mais intensa e ampla do que outrora.

NO LUGAR

Os participantes do *reality show* estavam enclausurados e tinham convívio social restrito a algumas pessoas que lá estavam, e, a cada nova etapa do programa televisivo, diminuía o número de participantes, o que tornava ainda mais restrita a socialização. Num primeiro momento, isso poderia ser um argumento para justificar as atitudes de indiferença, cancelamento e ódio por alguns deles. Analogamente, em distanciamento social, também passamos a estar enclausurados em nossas casas e com o convívio social restrito a nossos familiares ou entes próximos. Então, aqui também teríamos a justificativa para termos atitudes de indiferença, cancelamento e ódio, como alguns participantes do BBB21?

Pensamos que, tanto num caso como no outro, a resposta é não! Porque se trata da negação da alteridade, da tentativa de aproximação e de *ser/estar* com o Outro (Dussel, 1995). Mas nos vem outra questão: porque quando estamos com o convívio social restrito pode ocorrer o acirramento dos ânimos que pode nos impelir a atitudes de indiferença, cancelamento e ódio?

Pensamos que um dos motivos já indicamos, que seria o modo como nos relacionamos com os Outros. A síntese entre as experiências virtuais e as presenciais podem nos levar a certas atitudes de indiferença, cancelamento e ódio. Um outro ponto pode estar relacionado as nossas relações com os lugares.

Em distanciamento social, deixamos de ir aos lugares de que gostamos, seja um bar, uma boate, uma praça, um *shopping*, a casa de amigos ou de familiares etc. Até mesmo deixamos de estar e ser em certos locais que alguns autores (Turner; Turner, 2006) consideram que não são lugares, como ônibus, metrô, aeroporto etc.

Até podemos questionar o quanto aquilo que tem sido denominado de não lugar possui certa lugaridade e há um *insideness* (Seamon; Sowers, 2008), pois:

Os lugares que conhecemos e gostamos são todos lugares únicos e suas particularidades são determinadas por suas paisagens e espaços individuais e por nosso cuidado e responsabilidade, ou ainda, pelo nosso desgosto, por eles. Se conhecemos lugares com afeição profunda e genealógica, ou como pontos de parada numa passagem através do mundo, eles são colocados à parte porque significam algo para nós e são os centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens.

Os lugares são aqueles locais que significam algo para nós e, de algum modo, nos constituem a ponto de influenciar a forma com que olhamos e nos relacionamos com o mundo. Então, não posso negar os encontros e desencontros da cotidianidade, considerando-os como uma superficialidade pueril, e devemos considerá-los como aquilo que eles são, uma das referências que temos no mundo. Mas, para esta discussão, nos cabe afirmar apenas que o ônibus, o metrô ou o aeroporto podem ser considerados como lugares onde há encontros e desencontros, até porque, em distanciamento social, ficou óbvio como eles nos fazem falta e nos constituem.

Esses lugares, assim como um bar, uma boate e um *shopping*, nos fazem falta porque: primeiro, ali estamos e somos com os Outros e os vivenciamos o mundo em copresença no lugar; segundo, podemos afirmar que a distância ou o afastamento promove a falta porque estar distante dos lugares é deixar de lado uma relação que nos constitui; terceiro, houve a alteração dos nossos ritmos de vida devido ao distanciamento social. Vivenciávamos mudanças e permanências de lugares, de locais, de pessoas, em suma, de fenômenos. Quando a permanência passa a ser o parâmetro do desenrolar cotidiano percebemos que ressignificamos o lugar, no caso, o nosso lar, lugar de referência de mundo.

Dito isto, o nosso lar pode ter sido ressignificado quando passou a ser permanência, no sentido de ser o local em que quase tudo se realiza: lazer, trabalho, descanso etc. O *stress* que relacionávamos ao lugar de trabalho e aos trajetos cotidianos agora entra para dentro de nossas casas sob outras formas, onde até então era e é o nosso lugar de acolhimento e descanso. Pois não há mais os deslocamentos cotidianos para o trabalho, assim como para os outros lugares de que nós carecemos. Também não há mais aquela conversa com colega no café do trabalho ou no intervalo entre aulas. Não há o encontro com o cobrador de ônibus que marca a nossa conversa diária nos trajetos cotidianos. Há a nossa casa, com os nossos, tão e somente!

O fato de ser no mesmo lugar com as mesmas pessoas é uma das reclamações mais recorrentes nas redes sociais virtuais em tempo de pandemia da COVID-19. Relatos de *stress*, tristeza e depressão aumentaram em mais de 50% em 2020 (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2020). Como mencionamos, para algumas pessoas o distanciamento social levou a problemas psicológicos, pois, por mais que ainda haja interações sociais pelas relações virtuais, a carência e distância persistem.

Um reflexo disso é que, quando a nossa casa passou a ser o lugar do lazer e trabalho, levou a um descompasso nas nossas vidas, porque não temos o hábito de que nossa casa seja essa síntese cotidiana, como foi na Idade

Média. No período medieval, as pessoas estavam condicionadas pelo tempo da Natureza, da colheita e do plantio. Trabalha-se em casa, assim como se descansava e se divertia. A vida acontecia em torno da casa e do feudo (Le Goff, 2013). Óbvio que estamos tratando de outro período e sob outras condições. Na Idade Média, o feudo era o mundo; já hoje o nosso mundo aumentou um pouco e estamos habituados a explorá-lo pelos rápidos meios de transporte. E, quando nosso acesso ao mundo ficou restrito aos meios de comunicação, mesmo que simultâneos e amplamente reticulares, não nos pareceu satisfatório, quando não problemático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos meses, vivenciamos o distanciamento social e seria muito fácil fazer uma analogia com os participantes do BBB21. Todos ficamos enclausurados e com a sociabilidade presencial restrita a um pequeno número de pessoas. Mas há diferenças substanciais entre as experiências que vivemos e a que eles viveram. Para este texto, as experiências vivenciadas pelos participantes do BBB21 foram um gatilho para percebermos que a relação com os Outros e o lugar são irremediáveis para *ser com* e comprometido no mundo. As experiências virtuais são um fenômeno irremediável na contemporaneidade, porém é quando se mostra o quanto as relações em presença não podem ser negligenciadas. Porque as relações virtuais e presenciais não podem ser consideradas cada uma de um lado de espectro; pelo contrário, elas são experiências e atitudes que são sempre ressignificadas no lugar, pois é nele que as relações presenciais e virtuais se sintetizam, dando cor aos hábitos contemporâneos.

A indissociabilidade entre as relações presenciais e virtuais foi exemplificada pelas atitudes de indiferença, cancelamento e ódio de alguns participantes do BBB21. Essas experiências estão, cada vez mais, presentes em nosso cotidiano, e a concepção, de algumas décadas atrás, de que as relações virtuais desagregam o sentido de lugar, constituindo não lugares, deve ser questionada à luz do presente, porque o virtual constitui lugaridades.

REFERÊNCIAS

Bernardes, A. Haters, pós-verdade e fake news: se entrelaçando em redes sociais. *Geograficidade*, v.10, n. especial, p. 203-2015, 2020.

Cultura do cancelamento. *Macquarie Dictionary*, 2021. Disponível em: <https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/2019>. Acesso em: 24 jun. 2022.

Dussel, H. *Filosofia da libertação na América Latina*. Piracicaba: Loyola, 1995.

Heidegger, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. *O agravamento dos transtornos mentais durante a pandemia*. São Paulo: FAPESP, 2020. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/o-agravamento-dos-transtornos-mentais-durante-a-pandemia/34505/>. Acesso em: 16 ago. 2021.

Hegel, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 2005.

Le Goff, J. *Para uma outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 2013.

Sartre, J.-P. *O ser e o nada*. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.

Sartre, J.-P. *A transcendência do ego*. Petrópolis: Vozes, 2015.

Seamon, D.; Sowers, J. Place and placelessness, Edward Relph. In: Hubbard, P. et al. (org.). *Texts in Human Geography*. Londres: Sage, 2008. p. 43-51.

Turner, P.; Turner, S. Place, sense of place and presence. Presence: teleoperators and virtual environments. *MIT Press Journal*, 2006. Disponível em: <http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/pres.2006.15.2.204>. Acesso em: 2 mar. 2020.